

Vulnerabilidades e resistências entrelaçadas: atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão¹

Lara DORNAS²

Márcio Simeone HENRIQUES³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

Este resumo é ponto de partida para abordarmos a ideia da vulnerabilidade entrelaçada aos gestos resistência ou linhas de fuga como táticas capazes de abrir brechas e oportunizar ganhos para os sujeitos ou públicos em processo de mobilização social, especialmente em situações de conflitos, danos ou controvérsias socioambientais. A base conceitual relativa à vulnerabilidade e processos de resistência está ancorada em Marques (2018, 2012); Butler (2015); Certeau (2000), bem como formação e vulnerabilidade de públicos em Henriques (2017, 2023). A análise toma como objeto de análise os atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG).

Palavras-chave

Vulnerabilidade; Públicos; Resistência, Rompimento da barragem de Fundão.

Vulnerabilidade e resistência

Esse resumo se propõe a refletir sobre a vulnerabilidade dos públicos e as táticas, gestos de resistências desencadeadas em situações de conflitos, junto a organizações e Estado. O objeto empírico parte dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, desastre socioambiental ocorrido em Mariana (MG), no ano de 2015⁴. Na ocasião, 34 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro foram

¹ Sessão Temática – Ética, comunicação e riscos nas relações organizacionais, atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda, Universidade Federal de Minas Gerais. laradornas2009@hotmail.com.

³ Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais, doutor em Comunicação Social pela UFMG. simeone@ufmg.br.

⁴ A estrutura da barragem de rejeitos pertencia à Samarco Mineração, mineradora pertencente à BHP Billiton e a Vale, ambas consideradas uma das maiores produtoras mundiais de minério de ferro. Para compensar e reparar os danos socioambientais provocados pelo desastre foi assinado um Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC), em março de 2016, envolvendo a União - diversos entes federais, estaduais e as empresas envolvidas. Para executar os programas de cunho socioeconômico e socioambiental com o objetivo de recuperar o meio ambiente e as condições socioeconômicas da área impactada foi criada a Fundação Renova em agosto de 2016. A organização foi destituída no ano de 2024, após a assinatura do Acordo de Repactuação, assinado em novembro de 2024.

despejados no ambiente provocando impactos sociais e ambientais. O caminho percorrido pelo rejeito atingiu, em um primeiro momento, o povoado de Bento Rodrigues, distrito de Mariana e vizinho às operações da empresa Samarco Mineração, tendo sido totalmente destruído. Até hoje, quase após dez anos do desastre, os embates se travam entre os públicos envolvidos. Abordaremos aqui, as táticas e gestos de resistência a partir das experiências de moradores do território de Bento Rodrigues.

Neste sentido, este resumo joga luzes sobre os públicos em relação de afetação direta pelo acontecimento e em situação de vulnerabilização. Parte da perspectiva de uma análise crítica da comunicação organizacional que toma os públicos para o centro da análise em situações de enfrentamento em processos interacionais, e reforça o seu papel na cena, seja de agência ou influência.

O tema da vulnerabilidade tem sido objeto de muitos estudos e, segundo Colie (2016), estes debates ganharam destaque nas décadas de 1980 e 1990, quando trouxeram para a discussão os temas de opressão, identidade e agência. Entretanto, para a autora, o cada vez maior interesse crítico pela vulnerabilidade pode ser atribuído a vários fatores, desde o episódio do 11 de setembro, bem como as guerras em que os Estados Unidos se envolveram, e que vieram a inspirar Butler (2015) em suas ideias sobre a precariedade; as mudanças nas relações de trabalho; o aumento da volatilidade econômica imposto pelo regime neoliberal; os estudos sobre a diversidade que englobam as questões de raça, gênero, sexualidade, deficiência, dentre outros, que têm contribuído para jogar luz à questão. Podemos acrescentar ainda os aspectos relacionados às mudanças climáticas, responsável por suscitar outros subtemas como o racismo e a justiça ambiental. Questões que dão a ver as violências múltiplas às quais os sujeitos e públicos na contemporaneidade estão expostos.

Um mundo que, para Butler (2015, p. 14-15), abriga vidas de serem vividas, enlutadas, corpos fora de si mesmos, no mundo dos outros, em um tempo e espaço que não se controla, sujeitos a todo tipo de violências, e que devem ser enfrentadas, já que é este corpo que “está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade — incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo —, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis”. Conforme a autora, o reconhecimento da precariedade convoca reivindicações sociais e políticas

que se deem de maneira mais inclusiva e igualitária, traduzidas em políticas sociais efetivas. Mas é a própria Butler que alerta para o fato de que este tipo de atitude ética não se dá de forma espontânea: os enquadramentos interpretativos habituais não são destruídos de uma hora para outra e, tampouco, surge uma nova consciência moral, é necessário desafiar uma mídia que domina e regula.

É esse tipo de enquadramento midiático que, segundo Marques (2018), reforça a ideia da vulnerabilidade, que está encrustada no imaginário da sociedade, em quadros valorativos e normativos, que associam pessoas vulneráveis a uma suposta fragilidade física e precariedade, imutável, dotada de autonomia questionável e de uma falta de agência. Conforme a autora, negar a vulnerabilidade e valorar a invulnerabilidade tem sido objetivo maior das representações e dos enquadramentos sociais e midiáticos “a serviço do capital e de um equilíbrio na correlação de forças que favoreça determinados sujeitos, grupos e instituições, enquanto relega outros ao ostracismo, a humilhação e a morte” (2018, p.13). Um exemplo é a abordagem da vulnerabilidade no tocante à distribuição desigual dos danos ambientais em nossa sociedade, em situações, por exemplo, de implantação ampliação de grandes empreendimentos. Acselrad, em 2002, já apontava para o crescimento do número de movimentos por “justiça ambiental” e que postulavam a necessidade de se observar as questões do risco e de uma lógica política capaz de orientar a distribuição desigual dos danos socioambientais.

O tema é ainda abordado nos estudos comunicacionais, que conforme Henriques, Reis *et al* (2023), buscam refletir sobre as vulnerabilidades comunicacionais dos públicos, sob a lógica das condições de publicidade, dos seus dispositivos e regime, já que os públicos só se efetivam em condições de visibilidade. Para os autores, a não possibilidade dos públicos afetados se expressarem e se posicionarem publicamente vem a ser um tipo de vulnerabilidade comunicacional que pode vir a comprometer a articulação, expressão e agência em condições de publicidade. Para Henrique e Reis (2023, s.p), em um conflito socioambiental é “preciso que a população afetada não só manifeste publicamente sua insatisfação frente à controvérsia, mas também busque gerar uma sensibilização e mobilização em prol da causa”. Neste sentido, a vulnerabilidade comunicacional pode vir a ser: a própria falta de entrada junto aos meios de comunicação; o acesso limitado aos

recursos tecnológicos e à pouca capacidade lidar com estes e, por último, a falta de uma rede solidificada de contatos com movimentos que lutam pela causa comum.

Mas se por um lado os sujeitos/públicos são alvo de danos ou ações que os vulnerabilizam e os destituem de bens, tangíveis ou intangíveis, como por exemplo em desastres socioambientais, esses grupos também são capazes de resistir, se posicionar publicamente e lutar por seus direitos envolvendo ações e processos de reparação. Segundo Marques e Oliveira (2012, p.101), os estudos da análise crítica sobre atos de resistência, não devem ser considerados blocos monolíticos “internamente coerentes, mas como tentativas socialmente situadas e complexas de construir sentidos que se opõem aqueles que circulam de forma hegemônica nos contextos organizacionais”. Tais atos para as autoras se constituem como o engajamento em alguns modos de ação, individual ou coletivo, organizado ou espontâneo, pontual ou de longo prazo, e visam de alguma forma questionar padrões e estruturas de forma a desestabilizá-los e/ou reconfigurá-los.

Gestos de resistência em situações de conflitos socioambientais podem vir a oportunizar o dar-se a ver desse público. As condições de visibilidade, publicidade de si, para Henriques (2017), vem a ser um aspecto fundamental, com capacidade de intervir na lógica de formação e de movimentação dos públicos. Os públicos, para o autor, lançam mão de estratégias e táticas de ação para obter vantagens do terreno da comunicação pública, considerado aberto, heterogêneo e confuso, território de disputas e embates.

É inclusive sobre as táticas que Certeau (2000) aborda as experiências particulares, solidariedades e lutas que habitam e disputam o espaço público. Procedimentos populares do cotidiano que jogam com os mecanismos de poder e disciplina, as chamadas táticas de bricolagem, misto de ritos manipulados, reinventores de espaços, capazes de incidir no dia a dia, em uma espécie de redes de vigilância, que jogam com relações de força desiguais e que demandam um tipo de “astúcia”, daqueles que a praticam. Trata-se de uma politização das práticas cotidianas que tende a ocorrer em ambientes de tensionamento e violência. Para o autor, a tática, pelo fato de ocupar esse não lugar, depende do que é novo, e demanda uma vigilância, que ele denomina de um estado de alerta, para capturar, no voo, as

possibilidades de ganho, o que significa jogar de forma permanente com os acontecimentos para que eles se transformem em oportunidades.

O mesmo estado de movimentação e atenção que coloca Certeau é abordado por Henriques (2017) em relação aos públicos e o caráter oportunístico de sua atuação. Na dimensão performática, enquanto tática, o autor se refere justamente a essa possibilidade do público ser público em público, em movimento, capaz de ser visto e reconhecido como tal na ação. Entretanto, cabe destacar que, para Henriques, a dimensão performática não se trata tão somente de atos mais visíveis no espaço público, a exemplo de passeatas, protestos, manifestações, dentre outras. A ideia de performance aplica-se a todo e qualquer “espaço de visibilidade, dos menos aos mais restritos, por onde os públicos buscam expandir sua ação, dentro de sua lógica de influência, em suas múltiplas modalidades” (2017, p. 60).

Este resumo traz alguns movimentos e/ou iniciativas dos atingidos de Bento Rodrigues de se colocarem nessa nova realidade, pós-rompimento da barragem de Fundão. O primeiro refere-se ao grupo de mulheres que produzem de geleia de pimenta biquinho, um dos símbolos do distrito, e que em 2002 formalizou-se como a Ahobero (Associação de Hortifrutigranjeiros de Bento Rodrigues), iniciativa que gera renda para diversas famílias. Na ocasião do desastre, a plantação de 1.500 pés de pimenta foi soterrada pela lama de rejeitos. A associação teve os equipamentos recuperados e voltou a produzir no ano de 2016, em um espaço alugado em Mariana. Hoje, as redes sociais do grupo dão conta do esforço de reinvenção do grupo que incorpora em seu discurso as palavras-chave de sustentabilidade, transformação e desafios, e seguem levando suas geleias para todo o país.

Figura 1 – Post veiculado pela Ahobero



Fonte: Instagram da página oficial da Ahobero

Um segundo exemplo que trazemos data de março de 2026, quando um dos moradores do antigo Bento, decidiu que iria até a comunidade, independente das recomendações da Defesa Civil e das restrições ao local, impostas pela Samarco. Tal morador obteve a companhia de outros moradores, e assim surgiu o coletivo “Loucos por Bento”. A casa da rua mais alta, que não foi atingida pelo rejeito, foi simbolicamente restaurada e é ponto de encontro. O Loucos teve uma participação efetiva de embates junto à Renova, no processo de reassentamento, previsto nas medidas de reparação e compensação, e nos diversos conteúdos veiculados na mídia, o grupo se tornou uma referência como movimento de resistência. Entre as lutas do Loucos por Bento se destaca a oposição à construção do dique de contenção⁵ S4, pleiteado pela Samarco. Outro embate que se deu, foi relativo à recusa em ceder os terrenos que foram destruídos pela lama em troca de uma nova casa. O grupo conseguiu vencer essa batalha, ao contrário do impedimento da construção do dique.

Figura 2 – Moradores do antigo Bento em visitas que acontecem ocasionalmente nos fins de semana



los pelo rompimento da barragem criaram o grupo Loucos por Bento e continuaram a lutar pela reconstrução da vila destruída

Fonte: jornal A Sirene

Outro gesto de resistência se dá em torno das celebrações religiosas que seguem como frestas de enfrentamento, elas nunca deixaram de acontecer, no próprio Bento Rodrigues, em meio ao território desabitado e destruído. São festejos

⁵ Estrutura construída pela Samarco com o intuito de conter o escoamento contínuo do rejeito oriundo as operações da empresa e que contemplava a concessão de área de 56 hectares. Para tanto, a estrutura alagou parte da área do município de Bento Rodrigues. A autorização foi concedida pelo Governo do Estado de Minas Gerais em 2026).

que comemoram o padroeiro São Bento, no final do mês de julho, e que contam com fogos, toque do sino, comida, leilão. As festas em louvor a Nossa Senhora das Mercês, no fim de setembro, também fazem parte do calendário religioso de eventos dos moradores. A capela das Mercês, por sua vez, é símbolo de resistência, e tem sido uma das principais estruturas de uso comunitário do grupo que frequenta o local. Segundo o diácono Vicente de Paula Sampaio Lima, da paróquia Sagrado Coração de Jesus, saudar São Bento, vem a ser uma forma de dizer que a comunidade está feliz e de dizer a Deus: “estamos aqui, a história continua, a luta continua, e a gente vai estar juntos sempre” (A Sirene, 2023, p. 6-7).

Figura 3 – Moradores do antigo Bento em celebrações religiosas no território que foi destruído



Fonte: jornal A Sirene (2023, edição 88, p. 6-7)

Os exemplos mencionados neste resumo, do movimento de Loucos por Bento, ao coletivo de mulheres da Ahobero, passando pelas celebrações religiosas no território destruído, revelam caminhos e novos modos de (r)existir. Para Marques e Oliveira (2002, p. 102), tais gestos de resistência, significam para os coletivos e sujeitos meios de se manifestarem em busca de emancipação, ou um tipo de autonomia contra uma ordem que não lhes cabe. Podem ser um gesto, uma linha de fuga, enfim, um tipo de resistência que “suspende e modifica a constelação de relações de poder, de modo a permitir ‘frestas’ e fissuras para que os sujeitos modifiquem suas formas de vida”. Abertura de espaço para novas topografias do possível.

Referências

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR, n. 5. p 49-60, jan./jun. 2002.

AHOBERO. **Resumo da nossa história**. Mariana. 18 jan. 2021. Instagram: @ahoberoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI3IZI8HDCu/>. Acesso em: 20 de fev. de 2025.

BRAZIL FOUNDATION. **Associação dos Hortifrutigranjeiros de Bento Rodrigues –**

AHOBERO. Disponível em: <https://brazilfoundation.org/project/associacao-dos-hortifrutigranjeiros-de-bento-rodrigues-ahobero-2/>. Acesso em: 09 de mar de 2025.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** 1J ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGOS, Daniel. Loucos por Bento Rodrigues. **Revista Piauí, 2027**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/loucos-por-bento-rodrigues/>. Acesso em: 09 de mar de 2025.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

COLE, Alyson. Todos nós somos vulneráveis, mas alguns são mais vulneráveis que outros: a ambigüidade política dos estudos de vulnerabilidade, uma crítica ambivalente, **Horizontes Críticos**, vol. 17 nº 2, maio de 2016, 260-277.

HENRIQUES, Márcio Simeone; SIVA, Daniel Reis et al. Vulnerabilidades Comunicacionais dos Públicos em Situações de Conflito e Controvérsia Ambiental: Análise de Casos Relacionados à Construção de Empreendimentos Hidrelétricos. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023.

HENRIQUES, Márcio Simeone. Dimensões dos Públicos nos Processos de Comunicação Pública: Formas de Conhecimento, Ação e Organização. *In*: (Re) leituras contemporâneas sobre comunicação organizacional e relações públicas. Cleusa Maria Andrade Scroferneker, Lidianie Ramirez de Amorim (orgs.) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017, p.53-65.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Entre a política e a estética: uma abordagem comunicacional de questões de justiça. *In*: **Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas**. Ângela Cristina Salgueiro Marques (org.). Belo Horizonte (MG): PPGCOM UFMG, 2018.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; OLIVEIRA, Luciana de. Poder e Resistência: breve reflexão teórica sobre o papel do humor nos conflitos público privado em contextos organizacionais. **Ciberlegenda**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, 2012, nº 26, p-99-110.

MUNIZ, Marcos Manoel; QUINTÃO Samara Maria et al. “O coração da gente é de São Bento”. *Jornal A Sirene*, Mariana, ago/2023. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornalasirene_agosto_issuu. Acesso em: 09 de mar de 2025.

RODRIGUES, Leo. **Dique construído pela Samarco para conter lama extrapola prazo**

Agência Brasil. Publicado em 06/11/2029. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/dique-construido-pela-samarco-para-conter-lama-extrapola-prazo>. Acesso em: 09 de mar de 2025.

THOMAS, Jennifer Ann. Virou lama, mas é lar. **Nosso impacto**. Disponível em:

<https://nossoimpacto.com.br/historias/virou-lama-mas-e-lar/>. Acesso em: 09 de mar de 2025.